

Brasília no limiar entre a ficção e o real

Por Amanda Aouad (BA)

Ao abolir as categorias, o 47º Festival de Cinema de Brasília passou o seu recado. Filme é filme, independente de ser ficção ou documentário, live action ou animação. Mas, observando os filmes da Mostra Competitiva, percebe-se que esta decisão vai além.

Todos os filmes longa-metragem que estavam concorrendo ao Candango este ano tinham um limiar muito tênue entre a ficção e o documental. O que casa com as últimas investidas de Eduardo Coutinho, um dos homenageados da edição. Afinal, o que é real e o que é ficção no cinema? Em *Jogo de Cena*, o documentarista brasileiro já havia questionado isso muito bem.

O próprio cinema vive esta discussão desde que a Escola de Documentário foi criada na Inglaterra por John Grierson. Se paramos para pensar, o cinema nasceu documental e, em sua documentação, já começou a ficcionalizar a realidade.

Os seis filmes apresentados em Brasília nos dão uma noção viva disso. A obra mais próxima do documentário clássico seria *Sem Pena*. Mas, ao escolher esconder seus depoentes e construir simbologias através de imagens diversas, ele ajudou a ficcionalizar aquela realidade trazendo seu ponto de vista.

Da mesma forma que *Ventos de Agosto* e *Ela Volta na Quinta*, que teoricamente seriam duas ficções, trazem traços do real. O filme de André Novais nos mostra uma família real, ficcionalizando situações que podem vir do real ou não. Ao colocar pai, mãe, irmão, cunhada e a ele próprio em cena, o cineasta foi além da pura ficção. Isso sem falar no timing da obra, muito próxima do documental. Quase estamos vendo um exemplar do Cinema Direto com a câmera, como uma “mosca na parede”, observando a rotina familiar.

Já o filme de Gabriel Mascaro utiliza muito da própria Vila onde se passa a trama, seus moradores, suas histórias, trazendo também o tempo do documentário, da observação, da contemplação. E, claro, possui uma inserção incômoda do próprio diretor com um aparelho de som dizendo ser um funcionário do vento em uma alusão a uma equipe de filmagem invadindo um espaço para registrar sua rotina.

Brasil S/A, de Marcelo Pedroso constrói uma alegoria do real, em uma crítica inteligente e extremamente irônica sobre a história do nosso país e o capitalismo. Abarcados por uma bandeira vazada que subtrai a ordem e o progresso, temos uma ficcionalização de ideias. E acaba parecendo o mais real de todos, como a dança do ator Edmilson Silva “cortando” um canal imaginário, que nos parece palpável.

E *Pingo D'água* acaba sendo a síntese de tudo isso. Em sua metalinguagem, brinca com os limites entre a realidade e a ficção, coloca os atores para interpretarem a si mesmos, simula cenas de gravação e de esperas, até de uma entrevista.

O que é real? O que é ficção? Até que ponto não colocamos nossas verdades em cena ao ficcionalizar algo? Da mesma forma, o quanto não interpretamos, só por estar com uma câmera ligada? O próprio Jean Rouch, ao ser questionado sobre o termo “Cinema Verdade”, se corrigiu dizendo ser “a verdade do cinema”.

Ao abolir categorias e colocar todos os filmes sob um único teto, o Festival de Brasília fez mais do que uma decisão estratégica. Trouxe a tona uma reflexão sobre o próprio sentido do filme. E a curadoria deixou claro que estes limites estão cada vez mais tênues. E pensar que algumas pessoas ainda não consideram documentário, um filme.